

APRESENTAÇÃO DO LIVRO DE MARCONI “VIOLÊNCIA E DIREITOS HUMANOS”

Usina ENERGISA – 2.2.2018. 20 hs

Agradeço o colega e amigo Marconi por ter me convidado duas vezes, a fazer a apresentação do seu livro sobre Violência e Direitos Humanos, depois ter feito o prefácio do mesmo livro. No prefácio não era elegante tecer críticas ao texto, mas agora na apresentação me sinto mais livre de fazê-lo, para abrir o debate...

Fico muito honrado com o convite porque o livro de Marconi é um excelente exemplo de como fazer filosofia: clareza na definição dos conceitos e defesa de teses, sem medo de ir contracorrente. A filosofia, dizia Hegel, é a tentativa de elevar o próprio tempo ao nível do conceito, da ideia, de captar a ideia ou essência do tempo por trás da variabilidade e inconsistência dos acontecimentos.

O livro de Marconi possui esta característica: é muito cuidadoso na definição dos conceitos, e nas distinções às vezes sutis dos conceitos, entre violência, força, agressividades, poder que não exprimem o mesmo conceito apesar de serem usados indistintamente na linguagem comum. É um livro que não tem medo de apresentar teses, muitas vezes polêmicas.

Marconi escreveu este livro no seu estágio de pós-doutorado em Paris-Nanterre, sobre a tutoria da professora Veronique Champeils-Desplat, que é uma das maiores estudiosas francesa dos direitos humanos e que faz parte da rede da Cátedras UNESCO de violência e Direitos Humanos, do qual a UFPB é membro.

Normalmente quem volta de Paris, volta mais “sinistro”, trazendo na mala algum autor pós-moderno, *le dernier cri* da filosofia francesa, que se torna uma moda no Brasil, muitas vezes efêmera. Nada disso aconteceu com Marconi, voltou de Paris, mais “destróico”, mais conservador, sem importar nenhuma moda parisiense.

A tese central é claramente uma opção pelo liberalismo em moral e em política nas suas várias formas. Vou citar algumas frases retiradas sobretudo do capítulo central sobre “violência e autonomia do sujeito”.

O problema da violência, (que é, pois, o mesmo problema do mal, que os antigos chamavam de *mysterium iniquitatis*!) das suas origens, das suas causas é extremamente complexo. Marconi situa a sua tese entre dois extremos: de um lado o naturalismo (o homem é naturalmente mau) e do outro o sociologismo, é a sociedade que torna o homem mau. Em ambos os casos temos um único resultado: a violência e o mal são um destino, uma fatalidade que por causas naturais ou sociais, não pode ser eliminada, faz parte inevitavelmente da condição humana.

Marconi recusa esta opção evidenciando continuamente a autonomia do sujeito> Vejamos:

Pag. 18: “Nosso interesse maior consiste em demonstrar que a violência exige o concurso da autonomia da vontade, ou ainda, que é produto da livre deliberação do sujeito”

Pag. 18: “O sujeito é quem decide o que fazer com as paixões que o atingem”

Pag. 88: “Mesmo uma cultura eivada de violência não é capaz de conspurcar a autonomia de quem a escolhe a prática”

Pag. 88: “Com efeito, se a violência não for considerada como produto de um ato livre, então se pode afirmar que ela é inevitável”

Pag. 189: “A violência implica escolhas e decisões para as quais concorrem juízos, crenças e, sobretudo, a autonomia da liberdade”

Pag. 93: “A violência resta sendo uma matéria de escolha, não uma destinação”

Pag. 163: “A violência é tão-somente um produto genuíno da livre decisão humana. Sem a autonomia da vontade do sujeito ela não poderia aceder ao plano concreto da sua existência”

Estas afirmações me suscitam algumas perguntas:

Ao final quem é este sujeito autônomo e livre? De onde vem este indivíduo? De onde surge esta autonomia e liberdade? Não se estão subestimando as condições sociais e os condicionamentos econômicos e sociais que levam certos indivíduos à violência? Me refiro sobretudo ao Brasil e à sua absurda violência... Uma das causas da violência é o fato de que o Estado brasileiro não proporciona a todos os seus cidadãos indistintamente as condições sociais mínimas de vida e de segurança que lhe permitam tomar escolhas livres e autônomas... O liberalismo não estaria exaltando a liberdade e a autonomia do sujeito sem considerar as condições mínimas para que ela possa existir como tal? Na linguagem dos dhs poderíamos dizer que os direitos econômicos e sociais são a condição ontológica para o exercício dos direitos civis e políticos.

Esta seria a **primeira** questão para o debate

A outra questão se refere à violência política, em especial à violência revolucionária que Marconi critica radicalmente.

Pag. 86: “O princípio da livre decisão do sujeito se aplica também à violência revolucionária. Este tipo de violência, mesmo quando empregada contra o poder despótico em seus mais diferentes matizes, não encontra na moralidade sua legítima justificação. Por isso, não podemos lhe atribuir uma positividade axiológica. Os que buscam, pela violência, impor suas noções de bem, justiça e verdade, são apenas os arautos de um novo mal travestido de pseudo-humanismo... e cita Arendt e Simone Weil...”

Pag. 163: “Não obstante a fartura de exemplos que assinalamos e o mal que ela provoca, os arautos da violência consideram que seu emprego é necessário, e mais do que é legítimo como forma de dirimir uma situação de injustiça”

Concordo com vc sobre os perigos da violência revolucionária, mas me parece excessiva a sua repulsa “moral” a qualquer tipo de violência “mesmo quando empregada contra o poder despótico” ou “como forma de dirimir uma situação de injustiça!” Seria fácil rebater que então não deveríamos reagir com a violência contra os totalitarismos de que fala Arendt, o nazista, fascista e estalinista.... Mas bastaria lembrar que também um liberal como John Locke admite a legitimidade do princípio da resistência à opressão no seu Tratado sobre o governo...

Não é possível uma crítica radical à violência em nome de uma moral absoluta a la Kant:... Me parece que aqui é relevante a lição não de Marx, que efetivamente justifica a violência revolucionária como parteira da história, mas de um Max Weber, e a sua visão das duas morais: a ética da responsabilidade e a ética dos princípios e a sua teoria do Estado como detentor do monopólio legítimo da violência (*gewaltmonopole*, que alguns traduzem como monopólio da força outros como monopólio da violência). Não precisa ser maquiavélicos para saber que é possível transpor literalmente um princípio moral absoluto para o abito político, inclusive porque a moral (com exceção do rigorismo kantiano) admite sempre as exceções, como a legítima defesa, que é uma forma de violência e uma exceção ao mandamento moral de não matar, etc... A não –violência tem seus limites, assim como a tolerância...

Uma **terceira** questão se refere ao tema da diminuição da violência, que vc trabalha sobretudo a partir da obra de Steven Pinker: *Os anjos bons da nossa natureza*. Porque a violência diminuiu. Livro que vc me presentou no meu aniversário e que eu li em parte: são 1086 páginas.

Eu gostaria que vc falasse um pouco mais sobre a tese de Pinker que é literalmente paradoxal, contra a opinião e a sensação comum de que a violência está aumentando e muito no Brasil (atingiu o recorde histórico e mais de 66 mil mortes violentas no ano passado) e no mundo com as guerras no Oriente Médio, na África, etc... Minha impressão é que ele use e abuse de um artifício estatístico: relacionando os casos de violência com o total da população mundial, 7 bilhões, estatisticamente as porcentagens diminuem; e que seja muito otimista com relação ao futuro uma vez que a ameaça de uma guerra atômica não está descartada...

Me parece aliás que quando vc aborda os direitos humanos, na segunda parte do livro, e trata do tema do genocídio, da tortura, do terrorismo, do estupro, de certa forma contradiz o otimismo de Pinker sobre a diminuição da violência; porque se trata de fenômenos bem contemporâneos e de massa (pensamos nas 350 mil vítimas da guerra na Síria, ou aos milhares de migrantes que morrem afogados no mediterrâneo, ou no genocídio em certos países africanos...) que parecem indicar um aumento da violência.

Uma **quarta** observação se refere ao tema dos direitos humanos, em particular à defesa que vc faz da universalidade dos direitos humanos. Sei que nós filósofos tendemos a defender a universalidade, e os antropólogos culturais se arrepiam só a escutar a palavra...

Concordo com vc a crítica ao multiculturalismo como álibi para ofender a dignidade humana, como nos casos que vc cita da infibulação feminina em alguns países africanos e do infanticídio em algumas tribos indígenas no Brasil. Como vc afirma: “A vida vale uma tradição?” (pag. 158). Concordo que não se podemos usar as tradições e os costumes como álibi para não respeitar a dignidade da pessoa humanas. A única questão que coloco é: quem determina quais são as tradições que devem ser condenadas e as que devem ser preservadas; quem é o juiz e quem pode se atribuir este papel de juiz? Vamos imaginar um caso hipotético, que os chineses ou os de Singapura que defendem os chamados “valores asiáticos” (*Asian Values*) ou seja, a aceitação do livre mercado, da liberdade econômica, mas não da liberdade política, e que estão muito convencidos desses princípios porque funcionam nos seus países e são aceitos na sua cultura, queriam impor os mesmo padrões ao Ocidente, que eles criticam pelo seu individualismo exacerbado enquanto eles defendem os valores da família, da comunidade, do clã do coletivo sobre o individualismo

Às vezes é isso o que acontece o chamado Ocidente quer impor a democracia e seus valores com a força, invadindo outros países em nome da universalidade dos direitos humanos... Devemos evitar e considerar também como forma de violência o imperialismo dos direitos humanos, ou seja, os direitos humano utilizados com pretextos para políticas imperialistas cultural e militarmente.

Queria concluir concordando com a lição que o livro deixa para a situação de violência que o Brasil está vivenciando: não se trata de um destino cruel diante do qual nada podemos fazer, há sociedades mais ou menos violentas, e esta absurda violência do Brasil não pode continuar, pode e deve ser controlada...

O livro de Marconi nos ajuda então nesta tarefa urgente de decifras a esfinge da violência que nos está devorando, e a filosofia pode dar a sua contribuição para decifrar este enigma.

Que a leitura deste belo livro possa colaborar a tornar o nosso país menos violento e mais respeitoso dos direitos humanos. Parabéns, Marconi e obrigado pelo convite